ISSN 2238-3948

A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NO SÉCULO XXI

Jerley Pereira da Silva[1]
Fábio de Almeida[2]
Lígia Simões[3]
Luís Fernando Araújo[4]

Resumo
A razão deste texto é motivar o leitor, expondo a ele a diversidade da representação da educação com a sociedade do conhecimento e da informação. O objetivo deste artigo é mostrar a importância da educação no século XXI. A metodologia foi elaborada por meio de livros, sites, revistas. Este artigo contribui para que as pessoas percebam a importância da educação dentro da sociedade do conhecimento e da informação.
Palavras-chave: Educação. Conhecimento. Informação. Diversidade

Mediation in teaching the XXI century
Abstract
The purpose of this text is to motivate the reader, presenting to him/her the diversity of representation in education in the information and knowledge society. The objective of this article is to show the importance of education in the 21st Century. The methodology was elaborated through books, sites and magazines. This article shows the people the importance of education in the society of knowledge and information.
Keywords: Education. Knowledge. Information. Diversity.

La mediación pedagógica en el siglo XXI
Resumen
Motivo de este texto es para motivar al lector, exponerlo a la diversidad de representación de la educación con la sociedad de la información y del conocimiento. El objetivo de este artículo es mostrar la importancia de la educación para el siglo XXI. La metodología fue elaborada por medio de libros, sitios web, revistas. Este artículo contribuye a que la gente se de cuenta la importancia de la educación en la sociedad de la información y del conocimiento.
Palabras clave: La educación. Conocimiento. Información. Diversidad.

[1] Mestrando em Educação
[2] Especialista em Gestão Escolar e Diretor de Escola Pública.
[3] Mestre em Ciências Biológicas
[4] Doutor em Educação, Arte e História da Cultura

INTRODUÇÃO

A escola precisa de uma reformulação e se transformar em uma rede de ideias. Esse processo de transformação, de passar de uma sociedade a outra, implica mesmo modificar o seu papel de mero transmissor de ideias, pois a escola vai cedendo o seu privilégio como detentora do saber, nesta época que valoriza a industrialização do conhecimento.

A escola deve desenvolver ensino de qualidade e ao mesmo tempo desencadear estudo sobre a construção de uma ciência comprometida e crítica com a realidade social. Ela deve encontrar as formas de cooperação com os diferentes segmentos em que se contextualiza, estabelecendo prioridades dentro do processo social e econômico da sociedade.

O século XXI exige que a escola tenha comprometimento com sua missão profética do devir, pois ela se encontra no processo de transformação frente à sociedade do conhecimento, e não só em relação às expectativas econômicas. A escola está preocupada com a realidade concreta e criando novos paradigmas interdisciplinares, unindo ensino, pesquisa, em um novo contexto ser escola.

O processo educacional é questionado sabiamente. Primeiro porque nos leva a compreender que os sistemas anteriores promoviam a desigualdade social por não ser acessível a todos, depois porque não considerava a possibilidade das diferenças culturais em suas implementações**,** ou seja, era nivelado, sem a possibilidade dos diversos contextos sociais.

O processo pedagógico exige dos centros de educação que tenha um olhar de Autonomia e Responsabilidade para o futuro.

Na análise de Gadotti (2008, p. 40):

> É cedo ainda para se ter uma ideia exata das consequências em nível de qualidade de ensino de tais medidas. Contudo, pode-se prever um grande incentivo às iniciativas das próprias escolas, que certamente estabelecerão diferenças maiores entre elas, mas uma diferença “para cima” e não “para baixo”, premiando a qualidade e não a burocracia e a inércia do sistema. A autonomia permite maior flexibilidade e responsabilidade para que a

> pluralidade não seja sinônimo de má qualidade, mas de transparência, coordenação e organicidade.

A importante observação de que a educação não acompanhou o avanço da informação ou deixou de transformar suas metodologias, enquanto a tecnologia possibilitava um acesso incalculável de informações aos estudantes e sociedade em geral, antes dominadas apenas pelos educadores, tornou-se um dos fatores que geraram a crise no sistema. A escola deve funcionar como instrumento da sociedade, conduzindo não só a aprendizagem do saber, mas também do saber comportar-se. Dessa forma, a educação não será mecanicamente reprodutivista e sim ser produtora, ocupando cada vez mais as questões sobre as carências da sociedade e ampliando suas responsabilidades para além do ensino acadêmico.

A estrutura organizacional do ensino no Brasil sempre privilegiou o domínio de conhecimentos e experiências profissionais como únicos requisitos para a docência. Necessita, além disso, ter consciência do impacto da nova revolução tecnológica sobre a produção e socialização do conhecimento e formação de profissionais. Com esse impacto, a produção e divulgação do conhecimento gerou a necessidade de uma metodologia que priorize o diálogo entre educador e sociedade, e o papel do professor é de orientador das atividades que permitam ao aluno aprender bem como ser o incentivador do desenvolvimento de seus alunos perante o seu corpo social na sociedade.

A escola é o campo de pesquisa para experiências democráticas e pluralistas na sociedade em que atua, transformando os objetivos e as metas em ações mais apropriadas para a aprendizagem. A escola tem, portanto, que consolidar o projeto pedagógico e ao mesmo tempo interagir a favor da autonomia dentro do processo de socialização, tornando - se a autonomia um vínculo para estimular todo o indivíduo na sociedade a novas parcerias, com a família e com os meios de comunicação.

O processo educacional está passando por grandes mudanças neste século em que a informação é um grande mecanismo de interação social e cultural .

Na análise de Santos (2011, p. 33):

> Com a globalização e por meio da empiricização da universalidade que ela possibilitou, estamos mais perto de construir uma filosofia das técnicas e das ações correlatas, que seja também uma forma de conhecimento concreto do mundo tomado como um todo e das particularidades dos lugares, que incluem condições físicas, naturais ou artificiais e condições políticas. As empresas, na busca da mais-valia desejada, valorizam

> diferentemente as localizações. Não é qualquer lugar que interessa a tal ou qual firma. A cognoscibilidade do planeta constitui um dado essencial à operação das empresas e à produção do sistema histórico atual.

Criar o novo não é tarefa para qualquer um e cabe ao educador assumir esse desafio. O ser humano gosta do conhecido, do fácil, daquilo que já é. O desafio dói, causa desconforto e essa é a tarefa do educador: provocar, incomodar. O que já aconteceu serve como base, ponto de partida e dá segurança para exercer o poder que é garantido, que foi conquistado de forma tão dura, porém prazerosa. Orientar esse poder da forma adequado compete ao educador.

Muitos dos alunos vêm de famílias com poucos recursos intelectuais, financeiros e culturais. Esse aluno idealiza a figura do professor, a vida acadêmica, a cultura, um mundo que ele desconhece e que pode lhe oferecer mais, apontar novos caminhos. Deve - se utilizar essa imagem esse poder que é delegado ao professor e não destruí-lo com a falsa proposta de aproximar - se do aluno. Aproximar-se é em primeiro lugar enxergá-lo na sua real condição que não necessariamente coincide com a proposta educacional da instituição em que se encontra. Só assim haverá a possibilidade de uma adaptação para que tenha acesso ao conhecimento que afinal ele veio buscar, sejam seus propósitos conscientes e lícitos dentro dos conceitos da educação ou não.

O processo pedagógico estabelecido visa desenvolver competências relacionadas à prática profissional.

Na análise de Perrenoud (1997, p. 35):

> Toda competência está, fundamentalmente, ligada a uma *prática social* de certa complexidade. Não a um gesto dado, mas sim a um conjunto de gestos, posturas e palavras inscritos na prática que lhes confere sentidos e continuidade.

Decorre disso a necessidade de identificar a posição exata em que o educando se encontra na sociedade e na sua vida pessoal para não idealizar e trabalhar com um suposto ser que na verdade não existe, o que fatalmente o conduziria ao insucesso em termos de aprendizagem. A percepção da pessoa a quem o professor atende é ponto de partida no traçado do caminho pedagógico mais adequado.

Conforme Meirieu (1998) é necessária a compreensão do “triângulo pedagógico” para criar situações de aprendizagem sem deixar-se atrair por nenhum dos três pólos: educando-saber-educador. Para isso é importante que o educador tenha consciência do seu papel e da sua importância. O educador é também um cidadão inserido em seu meio social com ideias e conhecimentos já estruturados. Esses conhecimentos e experiências prévias podem e devem ser utilizados para criar novas situações interessantes. Tanto o educador quanto o educando apresentam experiências de vida, conhecimentos anteriores. Além disso, os sentimentos de ambos podem ser persuadidos adequadamente para melhorar esse processo.

Meirieu (1998, p.80) ressalta ainda:

> Quem pode querer ignorar a *relação pedagógica*, este encontro entre pessoas vivas e cheias de desejos, este conjunto de fenômenos afetivos, de transferências e contra-transferências, que estão sempre presentes na sala de aula? Não se pode escolher, por simples comodidade, a suspensão da afetividade: primeiro, porque essa decisão, é claro, seria ela própria uma escolha afetiva, alimentada, na maioria das vezes, pela preocupação consigo, pelo medo do outro ou pelo desejo estranho de melhor exercer seu poder camuflando a natureza do mesmo; depois, porque uma atividade cognitiva, ainda que perfeitamente teorizada, não pode ficar sem a energia do desejo que lhe dá vida e força; enfim, porque seria estúpido negar o aspecto determinante, na aprendizagem, dos fenômenos de identificação e de sedução. Sabe-se, de fato, que a vontade de seduzir anima qualquer educador, mesmo que ele quase não o confesse, mesmo anuncie o contrário, fingindo ignorar que a recusa de seduzir pode vir reforçar a sedução...

Como lidar com esses conceitos, sedução, conhecimento, poder e aprendizagem de forma adequada? Mantendo os objetivos e o foco no processo de aprendizagem, lidando de forma ética com essas relações delicadas. Não fugindo ao compromisso. Para isso o poder é emprestado ao professor apenas como mais uma estratégia de ensino. Não se pode deixar, no entanto, que a vaidade transforme esse instrumento.

Experimentam-se angústias e dúvidas durante a própria formação acadêmica. Passam-se pelos testes e chega-se ao poder que é imprescindível no desempenho do trabalho do professor. Mas esse poder tem limites: o outro é o objetivo não o si mesmo. E isso exige coragem de abrir mão das vaidades. Só assim realmente é possível ver o sujeito que motiva tantos pensamentos, teorias de aprendizagem, tanto interesse de todas as áreas relacionadas à educação.

Como a novidade assusta, e na maioria das vezes não é desejada no primeiro momento, surgem as desconfianças e constantes questionamentos para com aqueles que podem realmente instigar, provocar: o professor, educador, formador de opiniões, exemplo de conduta, mentor, objeto de paixão, seja qual for a denominação. Todas podem ser ferramentas em favor do outro, o aluno. O conhecimento não pertence ao professor, nem a seu mestre ou àqueles que lhe permitiram chegar a seu titulo. É algo maior que pertence à essência do ser humano, à alma, não a qualquer academia. Aquele que pensa que detém o conhecimento engana-se, não sabe ainda controlar suas vaidades e ambições. Somos apenas vetores do conhecimento, responsáveis por escolher quando e de que forma ele será apresentado ao aluno, o sujeito.

Um professor tem a força nas suas considerações, nos seus exemplos e nas suas conclusões porque quem o ouve lhe empresta esse poder e espera uma retribuição dessa concessão que seja a aquisição de um conteúdo, de um conhecimento. O poder não deve ser tratado com preconceitos.

Segundo Veiga - Neto (2007), Foulcault elaborou o assunto diferenciando claramente poder e violência quanto à sua natureza. Para ele a violência submete e destrói enquanto o poder age de forma “que aquele que se submete o receba, aceite e tome como natural e necessário.”

> No exercício do poder os elementos não são antagônicos, mas sim sujeitos num mesmo jogo. E para que isso seja possível, o saber entra como elemento condutor do poder, como correia transmissora e naturalizadora do poder, de modo que haja consentimento de todos aqueles que estão nas malhas do poder. No interior das relações de poder, todos participam, todos são ativos (VEIGA-NETO, 2007, p. 119).

Na formação de um educador, como avaliar seu estágio de conhecimento dessas forças? Como saber seu grau de percepção disso? De uma forma ou de outra, faz uso delas. Só poderão, porém, reverter em benefício como forma de auxilio à aprendizagem se forem manipuladas conscientemente, com objetivos totalmente claros.

Onde tudo flui com rapidez o tempo tomou outra perspectiva, não se pode ignorar isso. O ímpeto de confrontar, romper, desafiar, motiva, mas tem seu preço: novos desafios. Não há espaço para sentar - se confortavelmente em uma poltrona e gozar os prazeres da vitória. Um novo momento se inicia e para ele tem-se que estar atento, não deixar passar e recriar o caminho de contato com o desconhecido. Esses momentos devem ser

aproveitados para alimentar a coragem. Isso em parte é inato em parte uma conquista, um verdadeiro exercício de questionamentos de críticas de dúvidas. As certezas matam a coragem.

Fácil é andar, atravessar a escuridão é desafio. Nesse pensamento, justifica-se o exercício do poder de mostrar novos caminhos, o maior e mais importante deles. Necessita - se inicialmente saber sobre o que o guia, que poder é esse que lhe foi outorgado desvendá-lo compreender sua extensão e não subestimá-lo ou rejeitá-lo. Transformar essa força em algo menor restringir a um encontro como outro qualquer que se tenha no dia a dia é condenar ao fracasso um processo que não lhe pertence inteiramente. O professor apenas se apossa dele durante os momentos mágicos do contato com o aluno.

Meirieu (1998, p.91) ressalta que no processo de aprendizagem:

> .... O paradoxo do desejo deve-se, na verdade, ao fato de que o objeto desejado deve ser, ao mesmo tempo, conhecido e desconhecido, que é preciso adivinhar os seus contornos, entrever o seu segredo, mas ele deve permanecer escondido e o segredo não deve ser penetrado.

O fim desejável é que aquele pedaço de novidade atinja um alvo preparado para captá-lo como tal. E isso também pertence ao professor, é sua função cuidar desse preparo. A mediação pedagógica neste trabalho tem a intenção de intervir no processo de ensino e aprendizagem que visa à aprendizagem em busca do desenvolvimento do aluno nas interfaces da comunicação e educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Sociedade do conhecimento é formada pelo aspecto prático e intelectual. Nesta sociedade, as ideias passam a ter grande importância. Hoje, estão se formando grupos de discussão de ideias pela internet, fóruns, etc., cujo objetivo é a construção de uma sociedade mais justa do ponto de vista econômico e social, para que as pessoas possam desfrutar uma vida digna.

Na sociedade do conhecimento, as mudanças e as inovações tecnológicas ocorrem em um ritmo tão acelerado, que além dos fatores tradicionais de produção, como capital, terra e trabalho, é fundamental identificar e gerir inteligentemente o conhecimento das pessoas.

No momento em que a sociedade da informação revoluciona o mundo, a escola não pode se omitir e deve mostrar a distinção entre informação e conhecimento, ou seja, informação é o fato e o conhecimento é a informação interpretada e processada. O professor transmite informação ao aluno e este aprende quando constrói o conhecimento interagindo no mundo com as pessoas e objetos.

Por outra parte, educava-se segundo as circunstâncias vigentes ao saber necessário ao viver, o que vincula as sociedades e os políticos à reengenharia dos sistemas de educação formal. Embora o processo de aquisição de conhecimento estenda-se para toda a vida, não termina nunca e afeta não só o mundo do trabalho, como também a cidadania, a vida familiar, hábitos de consumo e de lazer, quer dizer perpassa e é onipresente às várias dimensões da vida em sociedade.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____.**Pedagogia do oprimido**. 38. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GADOTTI, Moacir. **Escola cidadã**. São Paulo: Cortez 2008

MEIRIEU, Philippe. **Aprender sim, mas como?** 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro – São Paulo: Record, 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.